

'Anora', de Sean Baker, vence a Palma de Ouro

PÁGINAS 4 E 5



Flávio Venturini e Ricardo Bacelar lançam EP

PÁGINA 6

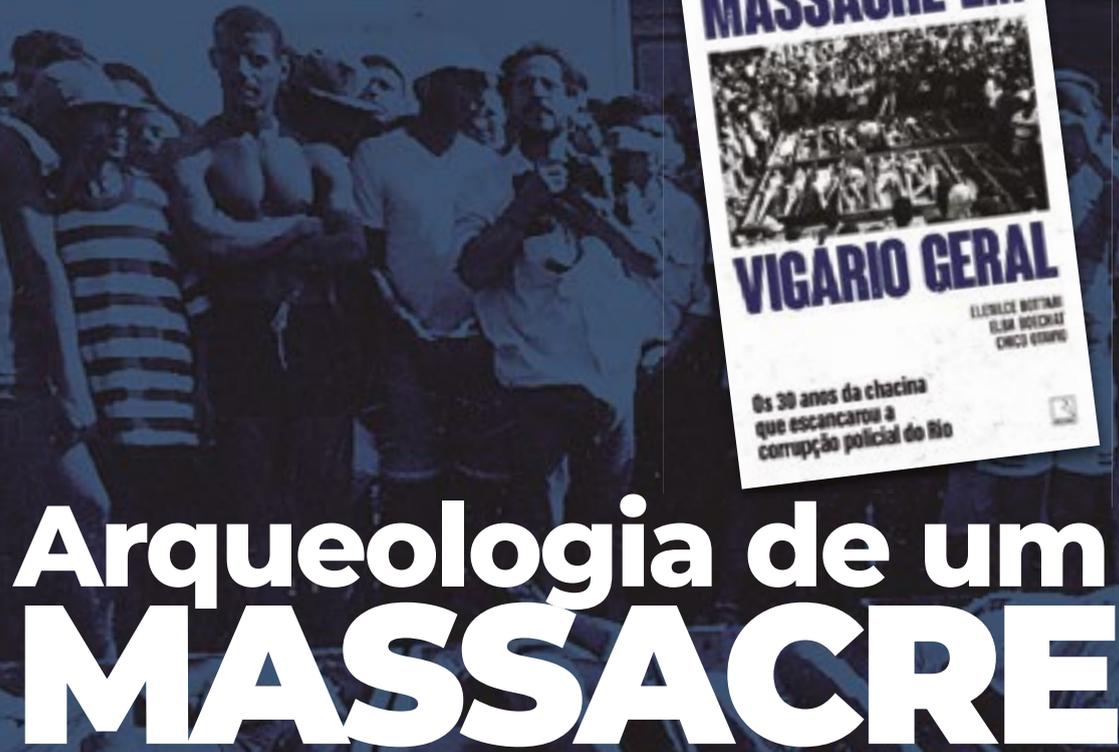


Living Colour fará quatro shows no Brasil em outubro

PÁGINA 7



2º CADERNO



Arqueologia de um MASSACRE

Em 'O Massacre de Vigário Geral', os jornalistas Elba Boechat, Elenilce Bottari e Chico Otávio fazem um levantamento minucioso da matança de 21 inocentes num episódio que escancarou a corrupção da polícia do RJ

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Na noite de 29 de agosto de 1993, um domingo, 21 pessoas sem qualquer antecedente criminal ou envolvimento com a marginalidade foram assassinadas na favela carioca de Vigário Geral por homens encapuzados. Os assassinos queriam vingança pela morte de policiais executados, na véspera, por traficantes locais. Uma das maiores chacinas cometidas no Rio de Janeiro gerou um longuíssimo processo com 52 indiciados, todos policiais, a maioria deles lotados no 9º Batalhão de Polícia Militar (Rocha Miranda). Depois de 22 anos, apenas sete dos acusados foram condenados, sendo três absolvidos em um julgamento posterior.

O levantamento minucioso desse bárbaro episódio está em "Massacre em Vi-

gário Geral — Os trinta anos da chacina que escancarou a corrupção policial no Rio" (Record, R\$ 79,90), assinado pelos jornalistas Elba Boechat, Elenilce Bottari e Chico Otávio, que entrevistaram promotores, juízes, advogados, sobreviventes e acusados da chacina.

Enquanto Elba e Elenilce, colegas na redação do jornal O Globo, participaram diretamente da cobertura do caso, Chico Otávio, então repórter de política na sucursal fluminense do Estado de S. Paulo, apenas acompanhou o noticiário como leitor, na época. Retomar o caso, trinta anos depois, foi difícil até para os três jornalistas tarimbados. Na abertura do livro, eles contam como cinco crianças acabaram poupadas do massacre por piedade de um dos mascarados. Até hoje Núbia Silva dos Santos, a mais velha daquelas crianças, mostra-se traumatizada pelo que presenciou. Na casa foram assassinados sua mãe, seus tios, seus avós e primos. Ela conseguiu fugir com as crianças pequenas, incluindo um bebê. A comoção ao ouvir Núbia é inevitável, dizem os jornalistas que, para garantir a segurança das informações e evitar qualquer mal-entendido, decidiram que todas as entrevistas com acusados teriam a presença de, ao menos, dois do grupo, garantindo isenção na condução da conversa.

A chacina de Vigário Geral, meses depois do assassinato de meninos de rua que viviam no Centro do Rio, nas imediações da Igreja da Candelária, levou a um dos primeiros registros de ação de "um grupo com uma organização mínima para fins de extorsão de uma comunidade, vendendo segurança contra eles próprios", diz Chico Otávio, autor de um livro sobre o envolvimento de órgãos da repressão com as atividades dos bicheiros e de outro sobre o assassinato da vereadora Marielle e do motorista Anderson.

Continua na página seguinte



ENTREVISTA / ELBA BOECHAT, ELENILCE BOTTARI E CHICO OTÁVIO, JORNALISTAS

Para contar um pouco da experiência pessoal e da primorosa pesquisa que levou ao livro, os autores conversaram com o Correio da Manhã

Qual foi a maior dificuldade em resgatar esse caso, trinta anos depois?

ELBA BOECHAT — Conversar com a mãe e irmã do soldado Alexandre Bicego, que foi quem deu início àquele massacre ao jogar uma bomba no bar onde vários trabalhadores comemoravam a vitória do Brasil contra a Bolívia pelas eliminatórias da Copa do Mundo. Eram a mãe e a irmã de um assassino cruel que estavam na minha frente a defendê-lo. Entrar no quarto do Bicego me deu náuseas, mas eu não podia demonstrar nenhum sentimento. No entanto, ver a mãe chorar ao contar que o marido foi definhando até se matar, foi triste. Nenhuma mãe quer que seu filho se torne bandido. Reviver aquele massacre, conversar com as esposas e filhos dos chacinados também foi difícil.

ELENILCE BOTTARI — Entrevistar em dupla ou os três juntos foi muito bom para o desenvolvimento do trabalho. Depois das entrevistas, dividimos o que seria escrito, todos já havíamos trabalhado em reportagens de investigação envolvendo processos criminais. Depois revisamos, lemos o que os outros tinham escrito.

CHICO OTÁVIO — O principal depoimento recolhido foi do acusado Neto, que cumpriu 16 anos de prisão e se converteu ao catolicismo na cadeia, graças à Pastoral Penal. Hoje, ele é taxista e considera que pagou pelo crime. Não há como ficar indiferente quando se conversa com alguém envolvido no assassinato de 21 pessoas. Sempre me senti desafiado ao tomar depoimentos de quem está do outro lado da lei. É uma sensação incômoda, sim.

Por que Vigário Geral seria o primeiro marco da formação das milícias atuais? Esses grupos não teriam sua origem ainda na polícia civil dos anos 1960/1970?

ELENILCE BOTTARI — A partir da chacina, e por sua tremenda repercussão e pífia solução, os policiais perceberam que poderiam, a exemplo dos traficantes, ocupar essas comunidades. A exploração econômica do território é o cerne, a origem desses grupos de milícia que hoje atuam no estado.

CHICO OTÁVIO — Naquela época, aqueles policiais cobravam uma taxa dos

traficantes permitindo que esses operassem, vendendo drogas, sem ser incomodados. Daí para extorquir comerciantes e vender serviços para a população, como ocorre hoje, é um pulo. Com todo o respeito aos bons policiais, dentro da Polícia está a maior organização criminosa do Rio. E é uma força invencível.

Por que o indiciamento de 52 pessoas foi rápido e o processo demorou mais de vinte anos?

ELBA BOECHAT — O que aconteceu em Vigário já havia acontecido na Candelária. Uma investigação açodada, malfeita, com a intenção de dar uma resposta rápida à sociedade, ONGs e imprensa. Deu no que deu. Entraram muitos, nem todos atiraram, mas a intenção ao ir àquela comunidade era a mesma de todos. Com base no depoimento de uma única testemunha, que também era um bandido, e das fitas chegaram a vários nomes. Poucos foram condenados. O restante, que ainda está vivo, permanece até hoje impune.

ELENILCE BOTTARI — Não houve

prisão em flagrante dos acusados, as armas da chacina não estavam com eles. O que aconteceu foi o de sempre. Aliás, a receita da impunidade é essa, a pressa das autoridades para mostrar resultados, com investigações fracas e sem provas, que serão derrubadas a medida em que o clamor público desaparece.

CHICO OTÁVIO — É muito difícil bater o martelo com uma história tão confusa. Chegou um momento em que o Ministério Público fechou o caso com o que deu para condenar. Tudo foi metodicamente embalado, como acontece em muitas investigações que chegam à Justiça. Surge uma testemunha que depois contradiz seu próprio depoimento, há uma confusão proposital para desqualificar a investigação, aparecem notícias falsas, tumultuam a investigação.

O que Vigário Geral significou para a política de segurança do Rio e do país?

ELBA BOECHAT — Embora ocorressem vários confrontos da polícia com bandidos, Vigário foi o primeiro em que a polícia

não ligou se estava matando bandido. Todos eram trabalhadores. E as promessas de que muita coisa mudaria, endureceria na área da segurança, nunca saiu do papel. E com o tempo a guerra só foi crescendo, tendo chacinas ou massacres maiores do que aconteceu em Vigário Geral.

ELENILCE BOTTARI — O Ministério Público hoje está mais aparelhado e os movimentos sociais estão mais organizados e atentos, mas a realidade ainda está longe de mudar. Infelizmente, Vigário Geral é um marco por todos os seus erros. Foi a maior chacina de inocentes perpetrada por policiais de forma clandestina e um festival de erros em sua apuração.

CHICO OTÁVIO — De lá para cá, tudo piorou. A violência só aumentou. Grupo de policiais com uma organização mínima com fins de extorsão de uma comunidade, vendendo segurança contra eles próprias. Hoje, eles não precisam mais massacrar para impor seu poder. O poder deles já está consolidado.

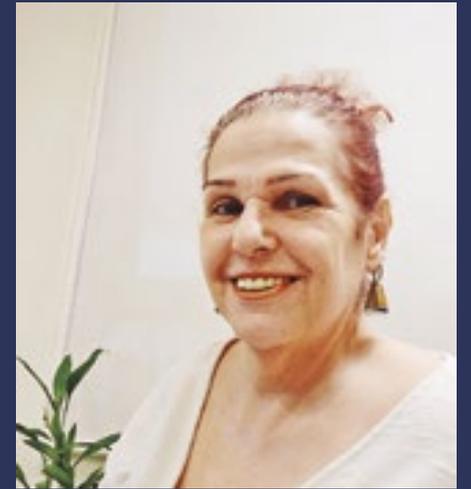
‘HOJE, ELES NÃO PRECISAM MAIS MASSACRAR PARA IMPOR SEU PODER’



ELENILCE BOTTARI



CHICO OTÁVIO



ELBA BOECHAT

CRÍTICA / LIVRO / CINE SUBAÉ: ESCRITOS SOBRE CINEMA (1960-2023)

Por Inácio Araújo (Folhapress)

Às vezes é difícil saber se Caetano Veloso é mais apaixonado pelo cinema ou pela música. Talvez o cinema seja uma paixão e a música outra, apenas que esta é também seu destino. Talvez, ainda, eu esteja apenas procurando uma fórmula para entender alguém que se interessa por tudo, a escrita, o teatro, a pintura - que pratica com gênio várias dessas artes (a pintura não sei, mas ele a pratica em suas roupas e cenários).

Talvez tudo isso seja resultado da formação baiana do momento a que ele se refere em "Cine Subaé: Escritos sobre Cinema (1960-2023)", volume recém-lançado, organização de Claudio Leal e Rodrigo Sombra.

O fato é que logo desembocou na crítica de cinema, que exerceu de maneira precoce e amorosa. Tinha mais ou menos a mesma idade - menos de 20 - que Rogério Sganzerla quando tomou a si o ofício.

Tinha a experiência de um jovem fã de cinema que não perdia as sessões do Cine Santo Amaro, em sua cidade. A partir dela, dá aulas de liberdade. Quando, por exemplo, designa "Hiroshima, Meu Amor" de poema "literoplástico" e justifica a palavra. Ali, escreve: "Não há só uma fusão de palavras e imagens, mas também a supervalorização do texto... 'cinema' funciona como ilustração, uma ilustração genial, mas ilustração." Pode-se discordar ou não, mas ali está a dúvida que ronda a cabeça de qualquer amante desse filme.

Quando escreve sobre "A Grande Feira", de Roberto Pires (1961), abre o texto assim: "O que tem impedido o surgimento de grandes obras no cinema nacional é a insegurança que o equilíbrio existente entre as tendências de emoção - pessoal, necessidades comerciais, compromissos sociais e estéticos - provoca nos realizadores."

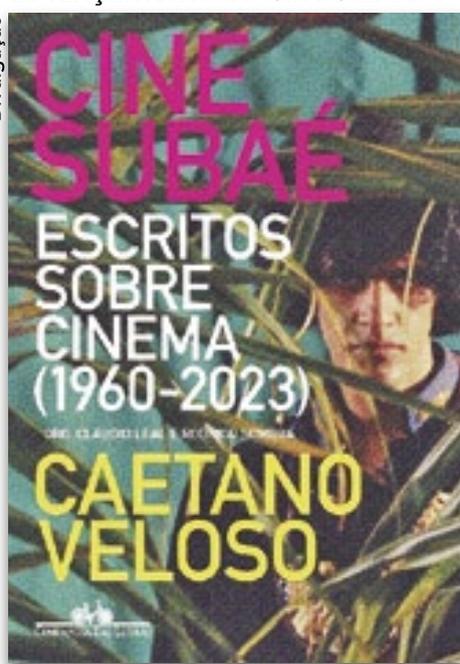
Para ser íntegro, o realizador precisa ser fiel a sua emoção, à sua ideologia política, honesto com o povo (a que deve ser acessível), com a inteligência, com os financiadores e ainda fiel à necessidade de criar uma reputação ao cinema brasileiro no exterior.

Com efeito, um acúmulo turbulento de obrigações que passam pela cabeça dos realizadores. Embora os anos seguintes pudessem até desmentir algumas dessas palavras, o desejo de atingir públicos mais amplos e o encarecimento das produções voltam a, em linhas gerais, atestar também



Erick Shons/Divulgação

Caetano Veloso em bate-papo com os organizadores Claudio Leal e Rodrigo Sombra em evento de lançamento de 'Cine Subaé'



Divulgação

a atualidade do diagnóstico.

Os gostos são por vezes sintomáticos do momento. Por exemplo, o texto de "Juventude Transviada", de Nicholas Ray, é um tanto ingênuo (é mesmo), mas James Dean salva tudo com sua presença. De fato, ele está excelente, mas não salva nada: aquela presença dele é do filme, é o filme.

Quanto a "Imitação da Vida", de Douglas Sirk, me surpreendi com a veemência com que desanca esse belo filme. Se viesse de outro crítico eu entenderia, mas Caetano é aquele que reinterpreto "Coração Materno" e mostrou o quanto aquele dramalhão podia ser belo. Mais tarde, Caetano admirará de fio a pavio o cinema de Pedro Almodóvar.

Essas surpresas ajudam. Elas abundam na parte final do livro, em que Caetano se exprime em entrevistas ou fragmentos delas. Numa, diz com todas as letras que prefere Mick Jagger a Ingmar Bergman!

Claro, Jagger é uma potência de vida, Bergman é o seu negativo - e também meio chato, embora diabolicamente talentoso. Eu prefiro Arnaldo Antunes a Jagger, porque sua dança é mais original, contida e não contida, nos gestos, na sensualidade, na inteligência. Mas isso é outra história.

Cada página dessa antologia magnificamente colhida e organizada por Leal e Sombra nos diz alguma coisa, nos enriquece de algum modo. Por vezes encherá a algum de nós com a alegria de uma descoberta, pois é um exercício de liberdade que se renova a cada artigo - e até dá vontade de rever seu filme, que vi uma vez e acho que não entendi bulhufas.

Há muita coisa a ler ali. Não posso deixar de dizer, por fim, que a mim sensibilizou em particular a análise precisa dos preciosos filmes de Carlos Adriano, ainda muito pouco vistos e visitados. Mas poetas e poetas se entendem.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Hilariante e frenético, “Anora” pode ser chamada de comédia, pode ser encarado como um marco do cinema indie americano e pode, sem qualquer dúvida, fazer parte do panteão dos ganhadores do Festival de Cannes, depois de conquistar a Palma de Ouro de 2024. É uma Cinderela às avessas, acompanhando as confusões no qual uma profissional do sexo, que dança num clube privê, envolve-se depois de se casar com um jovem milionário russo. Seu diretor é Sean Baker, que nasceu em Nova Jersey há 53 anos e tem em seu currículo pérolas como “Tangerina” (2015) e “Projeto Flórida” (2017). A decisão foi deliberada no sábado por um júri presidido pela atriz e cineasta Greta Gerwig e formado pela roteirista e fotógrafa turca Ebru Ceylan; as também atrizes Lily Gladstone (EUA) e Eva Green (França); a diretora libanesa Nadine Labaki; o realizador espanhol Juan Antonio Bayona; o ator italiano Pierfrancesco Favino; o cineasta japonês Hirokazu Kore-eda; e o astro francês Omar Sy.

Horas antes de o anúncio ser feito, o alemão Wim Wenders foi laureado com um Prêmio do Júri Ecumênico pelo conjunto de sua obra e disse uma frase que sintetiza o resultado do festival em 2024: “Nós, cineastas, não podemos mudar o mundo, mas podemos mudar a imagem que fazemos do planeta”. Baker mudou. A maneira como ele fala de amor, com o riso como seu aliado, redesenha noções de princesas, príncipes encantados e prazer fugaz.

“Esse filme é para todas as trabalhadoras do sexo”, disse o cineasta, que agora dispara já nas listas de potencial candidato ao Oscar para o ano que vem. Parece cedo para nós, mas para Hollywood não é, e Cannes passou a significar um canteiro de descobertas para a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.

Mas a premiação de Greta não parou em Baker. O Grande Prêmio do Júri foi entregue ao filme indiano “All We Imagine As Light”, de Payal Kapadia. É um tocante ensaio sobre solidariedade feminina em Mumbai.

O mais premiado dos longas-metragens em concurso foi o iraniano “The Seed of The



‘Anora’, um conto de fadas ao contrário, fatura a Palma de Ouro como melhor filme

Palma para uma quase Cinderela

Hilário, ‘Anora’ garante a Palma de Ouro ao americano Sean Baker num ano de fortíssimos medalhões autorais

Divulgação



Zoe Saldaña e Karla Gascón: da trupe premiada por ‘Emilia Perez’

Sacred Fig”, do iraniano Mohammad Rasoulof. Ele ganhou o Prêmio Especial do Júri, o Prêmio do Júri Ecumênico e o Prêmio da Crítica. O cineasta está condenado à prisão em sua terra natal pelas críticas de seus filmes ao regime vigente por lá. Na trama, um juiz entra em paranoia ao se sentir perseguido e começa a se voltar de forma violenta contra suas filhas e sua mulher. “Venho de uma cultura submetida à tirania, pois o Estado Islâmico é capaz de tudo”, disse Rasoulof em Cannes. “Por que meu governo tem tanto medo das histórias que contamos?”.

Aos 52 anos, o realizador egresso de Xiraz precisou fugir de sua pátria para conseguir expressar sua voz autoral pelo mundo, tendo seu passaporte confiscado pelas autoridades do Irã, que o considera uma ameaça à integridade nacional. “Dei instruções à equipe para que terminasse o filme caso eu fosse preso. Quando a sentença de que eu seria detido

saiu, fui para casa e me despedi das minhas plantas, depois dei um jeito de sair”, explicou o diretor, que por já ter sido trancafiado antes conhecia meios não tão legais de escapar, por rotas alternativas que o levaram à Alemanha. “Este é um filme sobre doutrinação, sobre o que acontece quando você deixa alguém, ou alguma ideologia tomar conta de sua mente”, disse o realizador, que ganhou o Urso de Ouro de 2020 com “Não Há Mal Algum”. “Não tenho medo da intimidação”.

Ao selecionar quem ganharia o láurea de Melhor Direção, o júri de Greta cravou o nome do português Miguel Gomes por “Grand Tour”. É um estudo sobre as sequelas do colonialismo.

Nas categorias de Melhor Interpretação os vencedores foram o elenco feminino integral do musical “Emília Pérez” e Jesse Plemons, por “Tipos de Gentileza”. Karla Sofía Gascón foi quem agradeceu pela vitória coletiva do melodrama cantado e dançado de Jacques Audiard, que levou ainda o Prêmio do Júri. Seu enredo fala sobre um chefe do tráfico que passa por uma transição de gênero. Plemons se divide em três papéis no longa de Yorgos Lanthimos.

Coralie Fargeat recebeu o prêmio de Melhor Roteiro pela excelência de sua dramaturgia no terror “The Substance”, no qual uma estrela decadente (Demi Moore) passa por uma transformação ao se submeter a um tratamento exótico. A cada semana, seu corpo vai se transformando, até chegar a um limite de risco.

Em meio à premiação, George Lucas, o criador da franquia “Star Wars”, recebeu uma Palma de Ouro Honorária pelo conjunto da obra como produtor, roteirista e diretor. “Eu me aposentei há dez anos, então não sei como andam as coisas com os streamings, mas quando eu fiz o primeiro ‘Guerra nas Estrelas’ era mais caro fazer um bonequinho de um personagem do que um filme”, disse ele, referindo-se à febre de produtos com personagens como Darth Vader e Luke Skywalker. “Sou de uma geração que foi fazer cinema não porque queria ganhar dinheiro, mas porque queria fazer filmes”.

Em outras latitudes, a mostra Un Certain Regard, criada em 1978 pra consagrar novos talentos de verve autoral, consagrou o chinês Guan Hu por “Black Dog”, trama sobre a amizade entre um ex-presidiário e um cão. Na escolha das melhor direção dessa seção, Rungano Nyoni, da Zâmbia, foi laureada por “On Becoming a Guinea Fowl, em empate com o italiano Roberto Minervini por “The Damned”. Seu júri foi presidido pelo cineasta canadense Xavier Dolan.

Coube ao cineasta francês Nicolas Phil-



Jesse Plemons (centro), melhor ator por ‘Tipos de Gentileza’



‘The Seed of Sacred Fig’: Prêmio da Crítica



‘Ernest Cole, Lost and Found’: melhor documentário



‘All We Imagine As Light’: Grande Prêmio do Júri

PREMIAÇÃO DE CANNES EM 2024

- *PALMA DE OURO: “Anora”, de Sean Baker
- *GRANDE PRÊMIO DO JÚRI: “All We Imagine As Light”, de Payal Kapadia
- *PRÊMIO DO JÚRI: “Emilia Perez”, de Jacques Audiard
- *PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI: “The Seed of the Sacred Fig”, de Mohammad Rasoulof
- *DIREÇÃO: Miguel Gomes, por “Grand Tour”
- *ROTEIRO: Coralie Fargeat, por “The Substance”
- *ATRIZ: Elenco feminino de “Emilia Perez”
- *ATOR: Jesse Plemons, por “Tipos de Gentileza”
- *CAMÉRA D’OR (melhor filme de estreante): “Armand”, de Halfdan Ullmann Tondel, com menção especial a “Mongrel”
- *PALMA DE CURTA-METRAGEM: “The Man Who Could Not Remain Silent”, de Nebojsa Slijepcevic (Croácia), com menção especial para “Bad For a Moment”
- *DOCUMENTÁRIO: “Les Filles du Nil”, de Nada Riyadh e Ayman El Amir, e “Ernest Cole, Lost And Found”, de Raoul Peck
- *QUEER PALM (Láurea queer): “Three Kilometers To The End Of The World”, de Emanuel Parvu
- *PRÊMIO DO JÚRI ECUMÊNICO: “The Seed Of The Sacred Fig”
- *PRÊMIO DA CRÍTICA (FIPRESCI): “The Seed Of The Sacred Fig”

bert presidir o júri do prêmio L’Oeil d’Or, a Palma dos .docs de Cannes. Ganharam, em empate, “Les Filles du Nil”, de Nada Riyadh e Ayman El Amir, e “Ernest Cole, Lost And Found”, de Raoul Peck. O primeiro, vindo do Egito, fala da formação de uma trupe teatral só de mulheres. O segundo é uma aula de decolonização de um militante antirracista que resgata imagens feitas por um fotógrafo sul-africano que registrou o Apartheid in loco.

“O cinema que lida com arquivos quer preservar a memória e recuperar a História”, disse Peck. “O documentário hoje vive uma demanda grande dos streamings, mas há um filtro muito forte das plataformas numa ingerência de formatos. Eu acredito num cinema livre. Faço filmes pela liberdade”.

No cômputo geral de seu palmarês, o resultado final de Cannes fez jus ao pleito de Peck, pois imperou uma forma livre de expressão audiovisual

Living Colour se aquece para turnê latino-americana

No Brasil, banda fará quatro shows: Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília entre 10 e 13 de outubro

Um dos mais importantes nomes do rock estadunidense, o Living Colour carimbou seu passaporte para uma nova turnê latino-americana em outubro. No Brasil, a banda se apresenta no Rio de Janeiro no dia 10, no Sacadura; em Belo Horizonte (11), São Paulo (12) e e Brasília (13). Os shows da turnê também passarão por Chile e Argentina.

Esta será a primeira vinda da banda ao país após sua bombástica participação no Rock in Rio 2022,

no qual se apresentou ao lado do consagrado guitarrista Steve Vai, em um dos melhores shows de todo o festival.

Curiosamente, a primeira vinda do Living Colour ao país também foi em um grande festival: Hollywood Rock, em 1992, com shows em São Paulo e Rio de Janeiro. No total, estiveram dez vezes no Brasil.

Formada apenas por músicos pretos, o Living Colour é uma banda formada em Nova Iorque no ano de 1984. A formação conta com o



O Living Colour durante sua explosiva apresentação no Rock in Rio 2022

guitarrista Vernon Reid, o vocalista Corey Glover, o baterista Will Calhoun e o baixista Doug Wimbish. A música do conjunto é uma fusão criativa influenciada pelo free jazz, funk, hard rock e heavy metal. Por sua vez, as letras variam de aspectos pessoais aos políticos, em alguns dos últimos casos, atacando o euro-

centrismo e o racismo na América.

O grupo tem seis álbuns de estúdio lançados. Alcançaram a fama com o disco de estreia, "Vivid", em 1988. Entre grandes sucessos, está o imenso hit "Cult of Personality", que ganhou um Grammy de Melhor Performance de Hard Rock em 1990. Foram nomeados Me-

lhor Artista Revelação no MTV Video Music Awards de 1989 e ganharam outro Grammy com o álbum Time's Up (1990). Após um hiato, se reuniram no final de 2000 e lançaram mais três trabalhos: Collideoscope (2003), The Chair in the Doorway (2009) e Shade (2017).

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

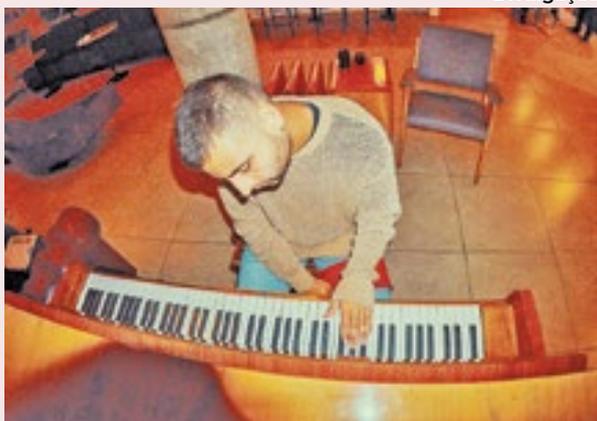
Sem toxicidade

Vale a pena comemorar a saída de um relacionamento ruim. Essa é a temática do single "La Tóxica", que Alejandro Fernández e Anitta lançam em videoclipe. Este corrido nortenho (estilo musical mexicano) celebra a liberdade de ser solteiro e brindar com tequila o processo de cura longe da toxicidade. A dupla aparece vestida em uma versão moderna do típico traje ranchero, enquanto o cenário destaca a essência mexicana da música, com belas paisagens naturais percorridas a cavalo.

Divulgação



Divulgação



Mutação sonora

Adverso, projeto musical liderado pelo vocalista e produtor Zé Victor Freitas, lança o single "Reconheço", primeira faixa disponível do novo disco a ser lançado este ano. "É a música que sintetiza a estética do trabalho todo", explica o artista que mistura gêneros, desafiando as barreiras do rock. A faixa também explora a dualidade do digital e do humano, mas com temáticas que retratam a natureza humana. Em menos de 2 minutos, "Reconheço" parte de arranjo melancólico ao piano à atmosfera de trap com guitarras em afinação mais grave.

Acid VK/Divulgação



Flertando com a house

Revelação do pop nacional, Marianna divulga seu novo single "Nada Vai Ser Como Antes". Na nova faixa ela fala sobre o fim do amor e da vontade de lutar por si mesma com o caldeirão de influências, que passam do alternativo ao R&B. Neste lançamento, ela volta a flertar com a house music, como fez em "Por Uma Noite Só", lançada no início do ano. "Já tem um tempo que fizemos essa música e ela virou um mantra pra mim, tenho certeza que a partir dela nada vai ser como antes. Já me sinto uma pessoa mais forte por colocar ela no mundo", conta a artista.

CRÍTICA / RESTAURANTE / OFFICINA LOCAL

A melhor pizza é aqui e agora

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

A Officina Local, a nova casa da Locale Pizza, realiza dois movimentos raros: o que era ótimo é excelente e as pizzas são de outro universo. Guilardo Rocha, pizzaiolo/arquiteto/proprietário, tem a capacidade criativa de criar sabores, misturas, com base em ingredientes de pequenos produtores, já ganhou, merecidamente, vários prêmios.

Ao se entrar na casa da Rua Arnaldo Quintela, o ambiente é clean, acolhedor, com o bar na entrada. Com indicações e braços abertos de Guilardo, Marina Alice, a mixologista, e Joca Vidal, o assessor de imprensa, eu e Elda Priami, companheira de longo curso de traquinagens, resolvemos começar pelas bebidas sugeridas. Elda, dirigindo, foi no mate da casa, que adorou. Eu fiquei por conta de Marina, em quem sempre confiei para assuntos de drinques. O primeiro foi o M ache naima, seguido do Amico e Giorgio Amato, com a presença herbal, refrescante, componentes que mis-



Ana Paula Santos/Divulgação

Massas e molhos próprios são trunfos do Officina Local

turam orégano, manjeriço, com cachaça, maracujá cajuína. Uma total irmandade entre Brasil e Itália.

A novidade são as entradas do cardápio enxuto e que consegue abranger todos os sabores. A ratatouille com straciella

chega na panela que mantém o calor e o sabor dos legumes assados no ponto. O arancini, recheado a carbonara sobre o béchamel, um achado de crocância e creme. E a focaccina, com destaque ao chimuchurri, azeite, sal grosso, queijo, para se chuchar no béchamel e no molho da ratatouille, é de se comer, comer...

As pizzas, fazemos questão de só dizer que são imperdíveis, a massa, o molho feito na casa por horas, os ingredientes que misturam os embutidos, os queijos e as ervas... Só um registro, é a única margherita que como no mundo. De algo sem qualquer graça, como se vê, vira uma vera pizza.

As sobremesas encerraram nossa primeira de muitíssimas idas. A mistura de goiabada com queijo é a melhor da vida. Aliás, em bem pensando, já queremos voltar ontem.

SERVIÇO

OFFICINA LOCAL

Rua Arnaldo Quintela 104 - Botafogo
De terça a quinta (18h à 0h), sextas e sábados (18h à 0h30) e domingos (18h às 23h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Leo Guimaraes/Divulgação



Burger na brasa

Localizado dentro da Fazenda Marambaia, em Correias, o restaurante Fuego utiliza diversas técnicas com brasa para o preparo de um cardápio diverso assinado pela chef Paula Labaki, habilíssima nas carnes e nos processos de cozimento na lenha e no carvão. No burger Fuego, (R\$ 48) o blend de carne bovina é acompanhado por queijo meia cura, bacon e maionese de páprica no brioche. A chef não perde a própria tradição: "Fui criada na fazenda, sempre muito próxima à natureza, desenvolvendo uma relação harmoniosa com esse ambiente". @fuegomarambaia

Burguers veganos

O Teva Deli do Chef Daniel Biron é imbatível na criatividade de uma gastronomia sustentável, orgânica e 100% vegetal. Para comemorar o Dia Mundial do Hamburguer, nesta terça-feira (28), as opções são incríveis. Com base no Burger Amazonika Mundi de fibra de caju e no Burger artesanal de cogumelos e cereais as misturas levam cebola caramelizada, pão brioche com gergelim da casa, aioli rosé defumado, rúcula, tomate... Há também as versões Cheeseburger com o muçarela Basi.co, alternativa vegana sem lactose.

Divulgação



Bossa Furiosa/Divulgação



Um blend surreal

O Surreal faz lançamento especial para celebrar o Dia do Hamburguer. A casa, com a chef Daniele Tronfino à frente da cozinha, oferecerá em seu cardápio o Surreal Burger O sanduíche é feito com um blend de 180g de angus Cara Preta, queijo meia cura, picles de cebola roxa, alface e aioli de gochujang, uma famosa pasta de pimenta coreana fermentada. Tudo servido no pão brioche com gergelim. Os amantes de hamburguer também poderão aproveitar a promoção do dia. Na compra de 1 sanduíche comemorativo, o segundo sai pela metade do preço.